

NATHAIR DORCHADAS



MAGIA DE VELAS

MATERIAL DE APOIO DO CURSO | APOSTILA 01

INTRODUÇÃO



Sacerdote Nathair. Foto de Espiritografia

Há algo de hipnótico em observar uma vela acesa. A chama dança, respira, cresce e diminui como se tivesse vida própria. Quem já ficou em silêncio diante dela sabe: não é apenas fogo — é presença.

Desde os primórdios, o ser humano recorre à luz para afastar a escuridão física e a escuridão da alma. As velas carregam esse legado ancestral: são pequenas centelhas capazes de transformar um ambiente, um estado de espírito e até mesmo o rumo de uma vida.

A magia de velas não é feita apenas de rituais e fórmulas; ela é feita de símbolos, de intenções e de histórias que atravessam milênios. Acender uma vela é um ato simples, mas também é um gesto que ecoa por tempos e culturas: é chamar por algo maior, é firmar um compromisso com o invisível, é criar um ponto de luz onde antes havia sombra.

Neste livro, vamos percorrer a história das velas, explorar seus significados e aprender, passo a passo, como usar sua chama para orar, encantar, proteger e transformar. Mais do que um manual, este será um mapa para que você se conecte com um conhecimento antigo, mas que continua vivo a cada vez que um pavio se inflama.

Agora, apague as luzes ao redor e imagine: uma única vela diante de você. É por ela que começaremos nossa jornada.



Imagine por um instante: uma caverna na penumbra, milhares de anos atrás. Um grupo humano se reúne em volta de uma chama trêmula, talvez não de uma vela como a conhecemos, mas de uma tocha improvisada, feita com gordura animal e fibras vegetais. A luz, ainda incerta, rasga a escuridão, afasta os medos e dá forma aos rostos. Desde muito antes da escrita, o fogo já era visto como um elo entre o mundo físico e o espiritual.

As velas, como as conhecemos hoje, são descendentes diretas dessa relação sagrada com a luz. Embora seja difícil precisar exatamente quando e onde elas surgiram, registros históricos apontam que, por volta de 3000 a.C., no Egito Antigo, já se utilizavam formas primitivas de velas: juncos secos mergulhados em gordura animal. Essas “lamparinas sólidas” iluminavam templos e casas, mas também tinham papel ritual, a chama simbolizava a presença dos deuses e a vida eterna.

Na Grécia Antiga, a luz das velas acompanhava as celebrações religiosas, especialmente em cultos a Ártemis e Hécate, deusas associadas à proteção, à magia e aos caminhos noturnos. Os romanos, herdeiros e inovadores dessa prática, popularizaram as velas feitas com sebo ou cera de abelha, tornando-as comuns tanto em rituais domésticos quanto nas cerimônias públicas. A vela passou a ser mais do que luz: era oferenda, símbolo e mensageira.

Com a expansão do cristianismo, a vela ganhou um papel devocional poderoso. Nos primeiros séculos, fiéis acendiam velas nos túmulos de mártires como sinal de oração contínua, uma “luz que não dorme”. A chama representava Cristo como “a luz do mundo”, e sua queima silenciosa tornava-se um ato de entrega e fé. Essa tradição ecoa até hoje em igrejas, capelas e altares domésticos.

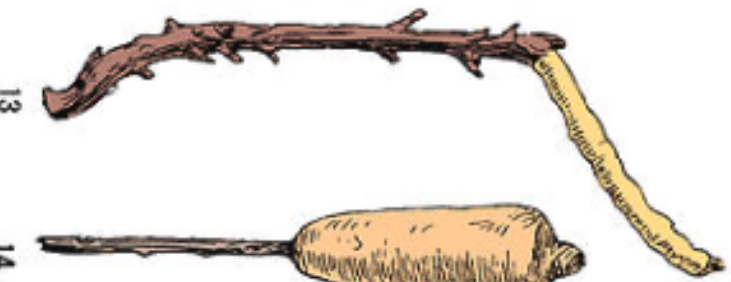
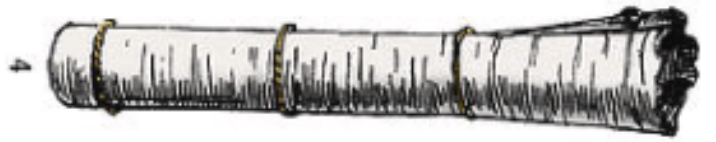
No Oriente, tradições como o budismo e o xintoísmo também incorporaram velas aos altares, não apenas para iluminação, mas como veículo de intenção e purificação. No Tibete, por exemplo, manteiga de iaque é usada em lamparinas para alimentar o fogo sagrado, uma prática que mistura devoção e simbolismo cósmico.

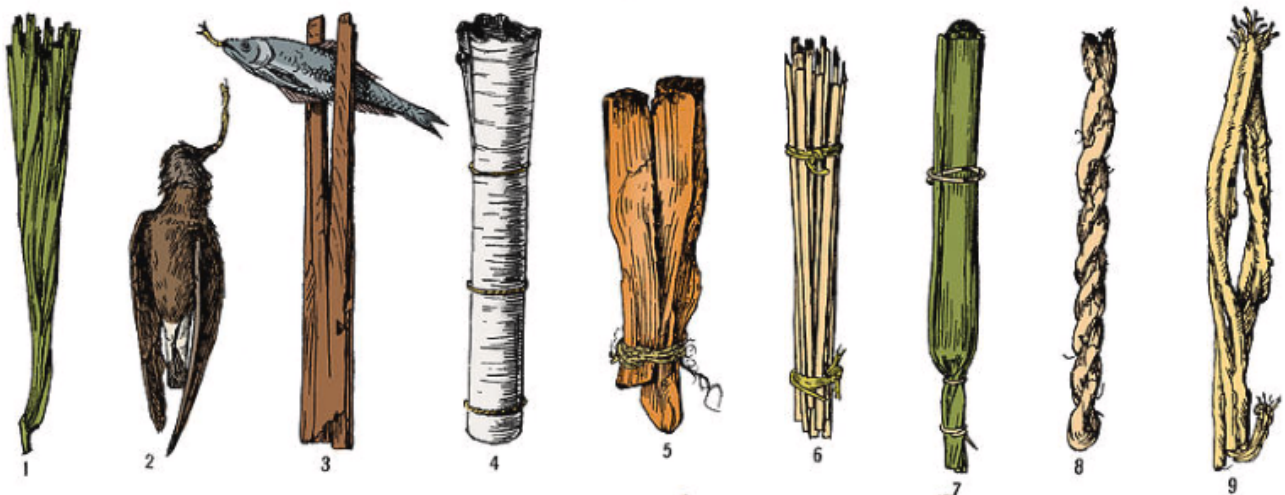
Ao longo dos séculos, o uso das velas transbordou dos templos para o campo da magia popular. Desde simpatias passadas de geração em geração até elaborados rituais cerimoniais, as velas passaram a ser vistas como instrumentos capazes de canalizar energia, representar elementos, e “dar corpo” a um desejo ou intenção.

A luz que brilha, o calor que aquece e a cera que se consome, tudo isso se tornou linguagem simbólica para quem trabalha com o invisível. Não por acaso, a vela é presença constante na bruxaria europeia, no espiritismo, na umbanda, no candomblé e em inúmeras práticas devocionais ao redor do mundo.

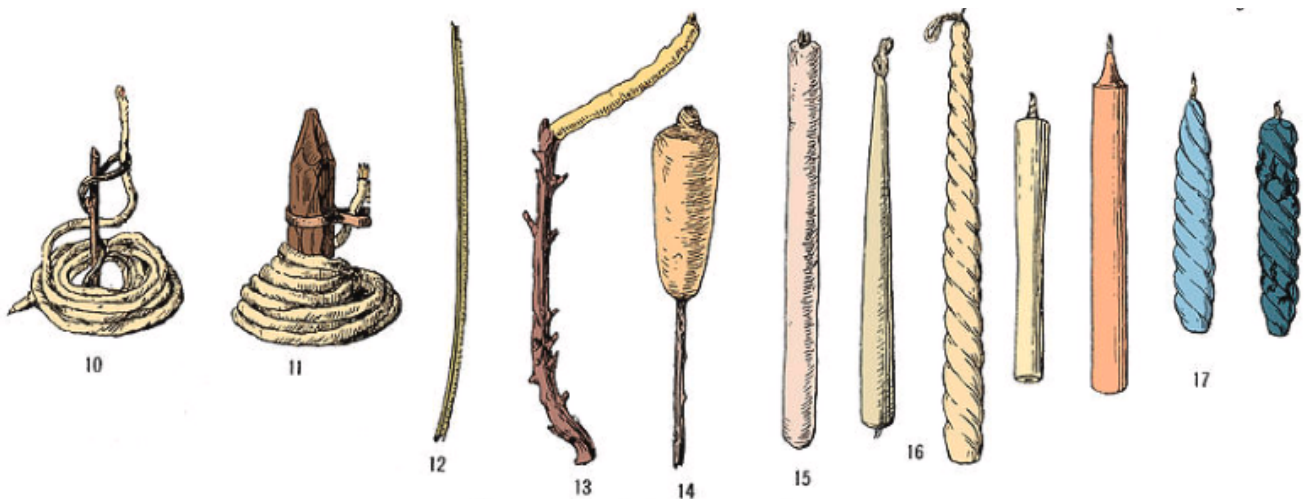
No próximo capítulo, vamos entender por que a vela funciona tão bem como instrumento mágico, explorando seus elementos, como a cor, forma, tempo de queima, disposição e como cada um deles pode potencializar um feitiço ou oração.







1) Folha de palmeira dobrada usada como tocha, Índias Orientais. 2) Painho-da-tempestade (Stormy petrel), Ilhas Órcades. 3) Peixe-vela em graveto fendido, Alasca. 4) Tocha de casca de bétula, índios iroqueses. 5) Tocha de nós de pau de fogo (Fat Pine) Virgínia. 6) Tocha de pau de fogo, índios do sul (dos Estados Unidos). 7) Tocha de goma Dakar enrolada em folhas de palmeira, Malásia. 8) Tocha de corda em resina, Europa, Idade Média. 9) Tocha feita de cordas embebidas em gordura ou cera, Europa, século XVI.



10 e 11) Corda embebida em gordura ou cera e enrolada, Inglaterra. 12) Junco embebido em gordura, formando uma vela primitiva, Inglaterra. 13) Vara untada com gordura, Mongólia. 14) Massa de gordura formada em vara com pavio de fibra enrolado ao redor, Caxemira, Índia. 15) Sebo com pavio de junco, algodão posterior, Norte da Europa. 16) Velas feitas de cera com pavio de fibra, Japão e Norte da África. 17) Velas moldadas. Velas patenteadas de estearina, parafina, cera e velas decoradas, século XIX.

IDADE MÉDIA



Ilustração do manuscrito medieval Tacuino Sanitatis

A Idade Média marcou um período em que as velas se tornaram indispensáveis para a vida espiritual e cotidiana na Europa.

O papel monástico:

Nos mosteiros, onde a rotina era organizada em torno das Horas Canônicas (momentos fixos de oração ao longo do dia e da noite), as velas eram essenciais. Monges e freiras se levantavam para orar mesmo nas madrugadas mais escuras, e era a chama da vela que iluminava livros manuscritos, salmos e cânticos. Muitas dessas velas eram feitas ali mesmo, no trabalho silencioso das oficinas monásticas.

Cera de abelha era considerada a matéria mais pura e nobre para as velas usadas nas missas e nos altares — seu aroma e cor dourada eram associados à santidade.

A própria fabricação das velas era vista como ato devocional: a paciência no derretimento da cera, o cuidado no posicionamento do pavio e a repetição do gesto eram acompanhados de orações silenciosas.

Em celebrações solenes, como a Páscoa, acendia-se o Círio Pascal, um grande símbolo da vitória da luz sobre as trevas, tradição que sobrevive até hoje.

Fora dos muros monásticos, as velas também ganhavam papel central na vida das pessoas comuns. Nas aldeias, serviam para muito mais que iluminação:

- Em batizados, casamentos e velórios, velas eram usadas para “iluminar o caminho” das almas, tanto dos vivos quanto dos mortos.
- Pequenos altares domésticos abrigavam imagens de santos ou relíquias, quase sempre acompanhados de uma vela acesa, mantida em momentos de oração ou para pedir proteção durante a noite.
- Algumas velas eram acesas para “afastar tempestades” ou “proteger a casa” de doenças e má sorte — crença que misturava devoção cristã e resquícios de antigas práticas pagãs.

A confecção doméstica era comum nas casas camponesas, especialmente com sebo de animais, pois a cera de abelha era cara e muitas vezes restrita ao clero e à nobreza. O cheiro e a fumaça eram mais fortes, mas mesmo assim, para a maioria das famílias, uma vela acesa em uma noite de inverno representava conforto, proteção e um pequeno luxo.

REFERÊNCIAS

Forbes, Andrew ; Henley, Daniel; Henley, David (2013). 'Tacuinum Sanitatis' in: Health and Well Being: A Medieval Guide. Chiang Mai: Cognoscenti Books. ASIN:BooDQ5BKFA

E. Wickersheimer, "Les Tacuini Sanitatis et leur traduction allemande par Michel Herr", Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance 12 1950:85-97.

Brucia Witthoft, The Tacuinum Sanitatis: A Lombard Panorama Gesta 17.1 (1978:49-60) p 50.